

O PROCESSO DE BOLONHA E AMÉRICA LATINA: A IMPORTAÇÃO VIA SEDEX DE UM CURRÍCULO CARO DEMAIS

The Bologna process and Latin America: importing via sedex an expensive curriculum

Marcos Antonio Martinez Junior – UFSCar/Campus Sorocaba*

Resumo: Quais os efeitos da homogeneização dos currículos para os alunos? Está foi a pergunta que nos moveu durante a escrita do presente artigo. Através de revisão de diversas leituras acerca do Processo de Bolonha pela visão de Oliveira (2017) podemos observar inúmeros motivos para duvidar da eficácia de sua intenção inicial quando seus idealizadores decidem expandir para a América Latina seu sistema. Com isso nos valem de autores como Moreira e Silva (2011) para uma compreensão sobre a importância de o currículo voltado a cultura para os alunos terem com o que se identificar no processo de aprendizagem como Freire (1996) também comenta. Por fim fizemos um paralelo entre Bolonha e o currículo proposto para assim analisar se de fato houve uma mobilização a favor e como foram os efeitos para os alunos expostos a este currículo.

Palavras-chave: Currículo. Bolonha. Cultura. América Latina.

Abstract: What are the effects of homogenizing curricula for students? This is the question that moved us during the writing of this article. Through a review of several readings about the Bologna Process by the vision of Oliveira (2017) we can see innumerable reasons to doubt the effectiveness of its initial intention when its creators decide to expand their system to Latin America. We use authors such as Moreira e Silva (2011) for an understanding of the importance of the culture-oriented curriculum for students to identify with the learning process as Freire (1996) also comments. Finally, we made a parallel between Bologna and the proposed curriculum in order to analyze if there was indeed a mobilization in favor and how the effects were for the students exposed to this curriculum.

Keywords: Curriculum. Bologna. Culture. Latin America.

INTRODUÇÃO

Tentar esboçar qualquer comentário sobre um assunto tão complexo e cheio de ramificações epistemológicas quanto o currículo é no mínimo um desafio, porém vamos tentar ir um pouco mais fundo nessas raízes procurando quais implicações o currículo causa na formação dos futuros professores de modo geral, sua identidade cultural, social e qual influência exerce sobre aqueles que irão formar opiniões dentro de escolas públicas e privadas. Estudiosos do assunto vem elaborando diversas teorias e mostrando o quão importante é o campo curricular tanto para quem ensina ou aprende quanto para terceiros cujo interesse pode estar em diversas vertentes como no capital, manipulação político/ideológica entre outros que vamos apresentar ao longo de nossa conversa.

Contudo, é importante ressaltar que passaremos rapidamente por questões filosóficas que são inerentes ao assunto em questão, tendo em vista levar a discussão para um campo mais abrangente onde usaremos autores críticos e pós-críticos para confrontar e argumentar os pontos de vista que iremos encontrar pelo caminho, para assim obter ou não uma nova ideia do que vem a ser o currículo e para que realmente ele está sendo utilizado. Continuando assim para as políticas educacionais do ensino superior para deste modo entendermos as reais influências que o currículo tem sobre aqueles que irão acessá-lo, seja por meio direto, aqui professores e alunos, quanto de maneira indireta, futuros alunos dos professores que por este currículo foram formados, suas identidades, diferenças, conceitos e preconceitos inclinações políticas impostas ou não, de maneira direta ou indireta entre outros.

*Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Sorocaba (FEFISO), especialização em Educação Física escolar também pela FEFISO e aluno especial de Mestrado do programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Campus Sorocaba/SP. Email: marcos.ef.fefiso@gmail.com.



Por fim vamos confrontar todas estas influencias culturais e sociais que o currículo pode exercer, apontando os interesses por trás de quem o constrói, suas possíveis intenções e ainda fazer um paralelo com o atual cenário político do país, onde muito se ouve falar em imposição de ideologias deste ou daquele lado. Para tanto vamos começar citando um dos maiores educadores brasileiros cuja ideia de educação e política estavam tão interconectadas que se faziam homogêneas, indissociáveis. Paulo Freire já entendia a educação como sendo um ato político não neutro antes mesmo de toda a discussão sobre o assunto estar em pauta, dando assim o primeiro passo para uma educação mais humana e menos tecnicista.

CURRÍCULO

“Educar é um ato político” (FREIRE, 1996). Começar uma fala sobre currículo utilizando esta citação é de extrema valia, ao passo que o currículo, mesmo do ensino básico, traz consigo um repertório cultural e uma intenção, um objetivo a ser alcançado, não apenas pedagógico, mas também político e ideológico, tornando o currículo um artefato de grande valor para aqueles que almejam formar desde o cidadão no caso do ensino básico, até o profissional e futuros líderes formadores de opinião como é o caso do ensino superior. Desta forma, o currículo alcança uma notoriedade maior, passa a ser entendido como campo de luta por determinado poder, seja ele abstrato e ideológico ou financeiro por meio de grandes conglomerados que cuidam do ensino superior nas instituições privadas.

Não obstante, é importante salientar e destacar alguns pontos que estão enraizados nas teorias curriculares. Moreira e Silva (2011) apresentam o currículo atual com sendo mais crítico, mais voltado ao “por quê” ao invés de “como” fazer, desta forma o currículo pode ser entendido muito mais como um artefato social e cultural que é guiado por relações políticas, epistemológicas e sociológicas a fim de formar identidades. Então, esta visão de currículo apresentada se encaixa muito bem com as discussões atuais sobre o real papel das universidades na formação dos estudantes, e para isso se faz necessária uma investigação para conhecer de fato quem está por trás do currículo das universidades para assim entender os reais motivos para o currículo ser da forma que é atualmente.

Contudo, para Gesser e Ranghetti (2011) o período histórico atual anseia por um currículo que desenvolva a capacidade de pensamento crítico, fazendo assim com que o profissional desenvolva a habilidade de pesquisar a própria prática e desenvolver meios de aperfeiçoá-la não apenas no âmbito da universidade, mas para além, ao longo de suas vidas profissionais. Por esse motivo se faz necessária a investigação dos autores desse currículo, para quem é feito esse tal currículo? O que esperam alcançar com os conteúdos nele expressos? O que está explícito e implícito em suas linhas? Todas estas perguntas e muitas outras surgem ao longo de nossa leitura crítica sobre o tema destacado, mas vamos devagar pois o caminho é longo e promete ter uma complexidade no mínimo interessante e por esse motivo vamos tentar, nas linhas subsequentes, navegar de maneira segura por águas tão inquietas para manter o norte.

Masseto (2011) traz consigo uma fala que nos remete a como deve ser construído o currículo do ensino superior, colocando a importância dos professores e especialistas que elaboram este documento norteador de saírem para observar a sociedade, suas necessidades e expectativas formadas sobre o profissional que será formado por esse modelo de currículo, ou seja, o currículo em sua concepção deve ser pensado para além das paredes das salas de aula atendendo os anseios na sociedade em seu tempo histórico. Tal afirmativa vem ao encontro da nossa fala que explora qual a relevância do currículo na formação dos alunos do ensino superior e quais as consequências que ele pode trazer para a sociedade que irá se valer destes profissionais e formadores de opinião, por esse motivo destacamos ainda o quão importante é o cidadão que sai da universidade para a sociedade que vai colocar à prova todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos nestas instituições.

Aqui uma pequena pausa para dar ênfase ao descrito acima com relação às expectativas da sociedade para com os egressos das universidades, onde muitos deles chegam por pressão da família ou mesmo sendo os primeiros a conquistar tamanha façanha em uma família onde, muitas vezes, o maior nível acadêmico é o antigo colegial tornando este jovem que consegue chegar a tão sonhada formatura um grande intelectual dentro de sua realidade onde sua opinião será levada muito mais a sério do que qualquer outra já que ele é formado. Quais egressos as universidades estão formando com os atuais currículos? Em que estes formadores de opinião ajudaram a sua comunidade? Será apenas mais um profissional caro para as empresas ou fará a diferença com propostas e pensamentos que vão além de sua formação técnica? Tantas perguntas que ficam e talvez as respostas estejam todas afixadas

nas políticas que envolvem a formulação do currículo, afinal este será o norteador de todas as práticas, podendo ser fechado em si mesmo em apenas conceitos técnicos para formar o profissional que apenas obedece às ordens, ou formar um profissional preocupado com a sociedade em que está inserido, com questões políticas, sociais e filosóficas atuando para fazer valer as expectativas daquelas famílias que apostaram todas as suas fichas nestes filhos, sobrinhos, netos de pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades.

A cultura tem um papel de extrema importância na criação de um currículo mais humano e que se preocupa com a formação integral do aluno/profissional e não somente em formar um empregado ou empregador. Se for o caso o mesmo terá uma enorme dificuldade em entender a cultura do próximo, já que deixou a sua própria de lado sendo esmagado por um colonialismo implacável advindo de acordos e tratados como Bolonha que vamos adentrar para entender melhor os impactos que esse tipo de "invasão" pode trazer para os estudantes por meio do currículo. A importância de valorizar a cultura dos alunos é colocada de maneira bastante evidenciada por Freire (1996) quando diz que a cultura torna o aprendizado mais significativo, sendo assim, os alunos expostos a um currículo que leva em conta sua cultura tendem a ver um sentido para aquele conteúdo.

Entendendo assim que a cultura é toda e qualquer produção humana, seja ela na forma física ou de ideias e pensamentos, o currículo é um artefato cultural, encharcado pela cultura daqueles que o produziram, desta forma o currículo pode valorizar experiências de vida, construções de ideias advindas de todo um povo, de sua história, para assim formar profissionais que terão uma base de conhecimentos que possibilitará o diálogo com as demais culturas e não apenas com uma parcela mínima dita erudita em detrimento de tantas outras, o que contribuirá para a sociedade usufruir de profissionais preocupados muito mais com o ser humano do que simplesmente com a parte técnica de seu trabalho, formando assim não apenas um profissional mas um ser humano melhor em tese.

Neste próximo tópico de nossa fala vamos apresentas políticas de homogeneização das universidades no Brasil e na América Latina com o foco no processo de Bolonha que buscou, em resumo, unificar o modelo de universidade na Europa, com foco no ensino de competências e habilidades e no sistema de créditos que facilitava o intercâmbio entre as universidades participantes, visto que o currículo seria unificado nestas instituições tornando mais fácil o trânsito dos alunos entre elas. O processo foi ampliado buscando outros continentes como América Latina, Ásia e Oceania visando a adesão das universidades e faculdades com a propaganda de fácil intercâmbio, mandando estudantes europeus para outros continentes e recebendo estudantes destas localidades, tudo isso com intuito de competir com outro grande polo do ensino superior mundial, os Estados Unidos, com tudo, será que tal prática realmente foi implantada com êxito na América Latina? Qual a viabilidade de fato de tal projeto? Quem se beneficia e qual o impacto traria aos currículos e aos alunos expostos a ele?

POLÍTICAS E HOMOGENEIZAÇÃO

Começamos a expor o processo de Bolonha, suas intenções e levantamos vários questionamentos acerca deste que foi um processo bastante importante para economia europeia como um todo que a partir deste ponto iria se basear no conhecimento como vamos ver ao decorrer deste capítulo onde aprofundaremos um pouco mais em questões políticas e econômicas da Europa para entender as razões que os levaram a tentar expandir para outros continentes, onde nosso foco será a América Latina em especial o Brasil e as dificuldades de se adotar tal programa. No início dos anos 2000, a Europa, por meio da assim chamada "Estratégia de Lisboa", deu um impulso as suas atividades educacionais, parte da cúpula econômica da União Europeia concordava que a economia deveria ter como base o conhecimento, para assim tornar-se a mais competitiva e dinâmica do mundo, capaz de proporcionar um crescimento mais sustentável com melhores empregos e material humano e assim alcançar uma coesão social maior (ROBERTSON, 2009).

Porém, este não foi o início desta estratégia, ela se deu um ano antes pelo processo de Bolonha, ainda assim é interessante aqui comentar como a autora coloca a importância da educação e o conhecimento como uma espécie de moeda de troca para uma economia mais sustentável, não apenas por questões de capital de giro, mas também para melhorar o material humano e os empregos oferecidos para que houvesse uma procura maior, para que fosse mais atrativo para estudantes de fora e de dentro da Europa também como vamos ver mais adiante. Assim, em 1999 a Declaração de Bolonha traz consigo seis linhas de ação comprometendo 29 países para a implantação de um Espaço Europeu de Educação Superior cujo plano é que seja devidamente colocado em prática até o ano de 2010. Esse

esforço para a criação desse espaço seria uma iniciativa para que docentes e alunos pudessem caminhar livremente em seu interior, facilitando o acesso, alinhando os currículos e melhorando a qualidade do ensino superior desenvolvendo assim o sistema de 3+2+3 (licenciatura, mestrado e doutorado) e de créditos cujo objetivo era de padronizar a qualificação dos alunos (ROBERTSON, 2009).

Deste modo podemos observar as intenções de padronização do ensino superior por meio do processo de Bolonha, com intenções aparentemente boas e cheias de promessas de uma melhor educação e facilitação da mobilidade de alunos e professores entre as universidades europeias, dando uma ideia de proximidade e afinação. O processo de Bolonha teve uma expansão para estabelecer um Espaço Europeu de Educação Superior que extrapolasse as fronteiras do continente europeu, essa era uma das principais metas, diz Oliveira (2017). Por isso o enorme interesse de padronizar os sistemas de ensino e os currículos de outras regiões aos padrões europeus de ensino, foi neste ponto que a América Latina e Caribe tiveram interesse.

Assim começa de fato as investidas da Europa para tentar implantar seu padrão de ensino em outros territórios para assim facilitar o intercâmbio de alunos e fazer frente a outros polos de ensino superior que já estavam estabelecidos, como os Estados Unidos, fazendo sua economia girar em torno da procura de estudantes por uma oportunidade de estudar na Europa. Tal iniciativa poderia muito bem ser enxergada com olhos mais otimistas e tolerantes como realmente uma ajuda, uma maneira de facilitar o intercâmbio de conhecimento, porém, ao olharmos de modo crítico tal situação, vamos perceber que o maior interesse não é o conhecimento, mas sim o potencial capital de giro que um estudante traz para o país no qual se aloja. Estadia, refeições, o trabalho qualificado e barato e ainda o valor pago para a universidade que não é gratuita. Tudo isso faz com que a economia do país seja impulsionada, sem falar das pesquisas que viram patentes muitas vezes milionárias e que ficam para o próprio governo em questão.

Lima et al. (2008) chama de meta-política pública o processo de Bolonha, e ressalta, dando ainda mais força ao que vimos anteriormente, que esse processo visava o fortalecimento da economia e do sistema de ensino superior europeu para fazer frente a outros blocos e aumentar sua competitividade frente a eles. Colocam ainda que a finalidade desse projeto era alinhar os currículos e as formas de ensino, bem como os títulos e diplomas para assim facilitar aceitação dos mesmos em programas de formação da União Europeia. Esse modelo de educação superior apresentada até aqui só reforça ainda mais as evidências que, ao tentar homogeneizar o currículo, acabamos por deixar de lado nossa cultura que é tão rica e nos dá possibilidades não apenas de conhecer a parte técnica dos cursos, mas também a parte humana, sendo assim todo cuidado é pouco para não negligenciar todo o percurso trilhado até aqui em nossa história, valorizar nossa cultura em nossos currículos é um meio de deixar viva a história, enraizada em nossa formação, na formação daqueles que serão referência, que serão chamados de pessoas cultas, mas de que cultura estamos falando?

Por fim vamos apresentar os possíveis efeitos que o processo de Bolonha e sua expansão para além das fronteiras europeias trariam para o currículo brasileiro e conseqüentemente para os futuros profissionais e para a sociedade em geral que se vale destes que estarão à frente da mesma, seja como líder de produção ou mesmo formador de ideias como político ou professor, sendo assim, tal estudo torna-se de grande importância para a avaliação da adesão ou não deste ou daquele currículo.

CURRÍCULO E CULTURA: CONSEQUÊNCIAS DA INCONSEQUÊNCIA

É inegável que o processo de Bolonha foi um grande marco para a Europa em termos de educação superior, justamente por esse motivo houve a pretensão de expandir para além das fronteiras europeias seus métodos de ensino, a América latina foi um dos alvos dessa expansão, um dos motivos diz Benetone e Yarosh (2015) é que os governos que tinham a pretensão de reformar sua educação superior viram uma oportunidade de integração e por esse motivo acabavam por encontrar em Bolonha uma alternativa viável, porém, a que preço? A viabilidade de adesão a um programa de ensino como o formulado em Bolonha pode ser bastante questionável se a intenção real for a melhoria do ensino de fato, principalmente, da padronização do currículo e dos métodos de ensino que, se por um lado servem como facilitadores de trânsito de alunos e docentes entre as universidades participantes, por outro tem apenas servido para aumentar o capital de giro nas universidades europeias, assim como deixam complementemente de lado a cultura dos países latinos, culturas ricas e que tem muito a oferecer para a formação dos alunos.



Assim, entendemos que o processo de Bolonha tem várias faces distintas. Teodoro e Guilherme (2017) apontam algumas delas como a política que, para os autores, foi um sucesso ao passo que harmonizou mais de 46 países e seus respectivos sistemas de ensino, tornando assim o bloco europeu muito mais homogêneo, em outras palavras, facilitou o trabalho das políticas educacionais. Outra dessas faces é a institucional e local em menor escala, pois, as expectativas de tornar a Europa atrativa e aumentar sua competitividade de fato frente a outros blocos está sendo colocada à prova, ainda nada comprovada.

Neste ponto começamos a colocar em xeque a real validade deste processo de homogeneização que começou em Bolonha, de maneira clara, como podemos ver anteriormente, sua eficácia em escalas menores, ou seja, sem levar em consideração as políticas de economia para aumentar e facilitar o transito de estudantes e docentes, aumentar a procura e conseqüentemente o fluxo de capital dentro dos países participantes, quanto maior o número de estudantes vindo ao encontro de universidades privadas, consumindo serviços, moradia e tendo que se sustentar em um país novo, maior o salto econômico sustentável do bloco, mas de fato o que realmente estamos querendo ressaltar aqui é a verdadeira eficácia de tal sistema no que se diz respeito ao ensino: será que um currículo homogeneizado para um bloco formado por países de cultura tão diversificada, como é o caso da Europa e mais ainda da América Latina, é suficiente para cumprir as demandas? A cultura e a educação andam de mãos dadas afirmam Moreira e Candau (2003), assim, o currículo sendo parte norteadora e integrante da educação é por si só cultural, deve ter o rosto de quem o construiu e principalmente de quem irá acessá-lo, não há forma de tomar para si um conhecimento que está distante demais de sua realidade, ainda que os meios de comunicação e a internet tenham tornado os caminhos mais curtos ainda assim precisam ter algo com o que o aluno possa se identificar para aquela aprendizagem tenha sentido.

Todavia, o afastamento entre currículo e a cultura é agravado ainda mais quando falamos de fronteiras continentais, ao pensarmos nessas dificuldades de afinamento cultural entre países de um mesmo continente, fica evidente o aumento das mesmas quando pensamos em países ainda mais afastados geográfica e culturalmente. Deste modo, na corrida desenfreada por uma economia forte e sustentável por meio do conhecimento, a universidade acaba tendo um papel muito mais central no que se diz respeito a colocar a certificação em um lugar mais elevado do que o próprio conhecimento, ou seja, acabamos por tornar a universidade como uma fábrica de profissionais que prezam muito mais os conceitos técnicos e seus fins do que a busca pelo conhecimento de como aqueles fins tornaram-se fins. Tal contexto é salientado por Morgado (2009), que comenta a importância de um currículo que se preocupe com a globalização, porém, construído com foco em resoluções de problemas locais, em outras palavras com a cultura de cada local específico.

Por isso, ao nos aprofundarmos em Bolonha e seus interesses, fica cada vez mais claro o real motivo pelo qual o interesse pela ampliação do processo foi tão grande e expressivo, sabemos que tudo tem dois lados e nem todo sistema de ensino proposto é ruim ou tem intenções mercadológicas somente; o que queremos salientar aqui são os possíveis efeitos que poderiam acarretar nos alunos expostos a este tipo de sistema de ensino, técnico e voltado para o aprendizado de uma profissão mais do que para a criação de conhecimento além de todo interesse econômico já citado. Tello (2015) faz duras críticas aos países Latino-americanos que aderiram ao processo de Bolonha, coloca a América Latina como estando sitiada e ocupada com as decisões do velho continente, ou seja, estamos mais uma vez importando métodos e meios de fazer, olhando para fora e deixando ideias e problemas característicos da nossa cultura perecerem. O autor ainda apresenta um dualismo entre o Brasil que tem seus pesquisadores vivendo em regime de tirania tendo que produzir quantidade sem ligar para a qualidade enquanto o Paraguai vive uma escassez enorme em termos de pesquisa acadêmica .

Assim, um dos principais erros cometidos e que tem impacto direto sobre os alunos e a sociedade tanto acadêmica quanto em geral, é exatamente o foco exagerado em políticas educacionais e currículos fora do contexto cultural do povo, nossos problemas e anseios são diferentes dos países europeus e por esse motivo não haveria como olhar para nossa cultura por meio de olhos estrangeiros, seria quase como tentar ler um livro escrito em outro idioma sem conhecer a língua exigida. Após todas as referências e falas apresentadas no texto, começamos a esboçar um senso crítico quanto a tais investidas para "colonizar" nosso currículo e nossas universidades. O processo de Bolonha e o Tuning foram atrativos para várias universidades que até aderiram a ideias e mandaram representantes na época das discussões, não apenas particulares, mas também algumas universidades federais, mostra Oliveira (2017) quando apresenta a UNICAMP sendo a representante do Brasil na formulação da

proposta do PATAL (Programa Alfa Tuning América Latina), mostrando assim o interesse inicial de várias universidades, faculdade e centros universitários em fazer parte deste programa.

Contudo, não foi registrado uma adesão significativa e efetiva ao PATAL no Brasil, não houve consenso sobre a real valia do programa para nossas universidades, os impactos que teríamos seriam ainda maiores do que já apresentamos em parágrafos anteriores, sempre existiu uma preocupação exagerada em programas milagrosos vindos da Europa e que sucateiam as nossas universidades que veem sofrendo cortes e mais cortes de verba para pesquisa enquanto inúmeros jovens tentam o tão sonhado diploma ou mesmo uma titulação fora do país pagando quantias enormes para os países que os recebem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar uma breve pausa nesta conversa quase informal pretendemos deixar algumas considerações que julgamos serem, em nossa opinião, importantes para fomentar ainda mais o debate que, visto o momento histórico que estamos passando, torna-se não apenas pertinente como também necessário para que encontremos, não soluções, mas sim uma razão, um impulso, para que o debate ganhe proporções cada vez maiores e, desta maneira, este pequeno ensaio tenha contribuído para algo maior. Sendo assim, neste ponto ao qual chegamos após inúmeras leituras a respeito do currículo, Bolonha e como este processo, junto ao PATAL, influenciaram ou poderiam influenciar para a formação dos egressos de faculdades e universidades públicas e privadas que, por aceite deste programa, acabaram por se submeter aos programas advindos do chamado velho continente. Submissão essa que já é histórica por importar métodos, currículos e sistemas de ensino, vide os modelos de escolas e seus uniformes com saias rodadas e luvas em um país tropical na década de 50.

O currículo, como acompanhamos anteriormente, tem um papel fundamental para a educação como um todo e na educação superior não é diferente ao passo que, quando falamos em uma educação colonizada, onde importamos modelos e sistemas, falamos em importar também a cultura por trás deste currículo pois o mesmo é um artefato cultural, produzido por ela e que a transmite. Portanto, ao levantarmos a hipótese de que um currículo colonizado afeta de forma negativa aqueles que o acessam, pois entendemos que a cultura é parte fundamental para a educação, para que o indivíduo enxergue a si mesmo em situações problemas, consiga ver sua representação e o meio social onde está inserido, seus problemas, sua realidade ali representada.

Contudo, observamos que os impactos dessas políticas não foram tão grandes, visto que as universidades participantes das discussões do PATAL não chegaram de fato a implementar seu sistema de ensino e nem tiveram seus currículos afetados em sua grande maioria, pois entenderam que o programa fazia valer os interesses mercadológicos da União Europeia e não trazia grandes vantagens para os estudantes que iriam aderir aos intercâmbios, pois apesar de facilitado no aspecto pedagógico, não apresentava um incentivo financeiro atrativo ou mesmo qualquer incentivo financeiro que fosse.

Por fim, entendemos que o Brasil e a América Latina ainda estão sob forte influência dos países europeus, tanto pedagogicamente quanto economicamente. As ideias de unificação de currículos e de um sistema de créditos são válidas se houver um incentivo real para a pesquisa e uma verdadeira motivação, tanto da Europa quanto dos demais continentes, de buscarem a troca de conhecimento e a transformação de vidas através dele ao invés de interesses econômicos que acabam por sucatear a educação superior, tornando o que desde sempre foi um sonho em um verdadeiro pesadelo.

REFERÊNCIAS

BENEITONE, P.; YAROSH, M. Tuning impact in Latin America: is there implementation beyond design? *Tuning Journal for Higher Education* [S.l.], v. 3, n. 1, p. 187-216, dec. 2015. Disponível em: <http://www.tuningjournal.org/article/view/112/1083>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Ed. Paz e Terra, São Paulo, SP, 1996.

GESSER, V.; RANGHETTI, D. S. O currículo no ensino superior: princípios epistemológicos para um design contemporâneo. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.2, agosto 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LIMA, L. C.; AZEVEDO, M.L.N.; CATANI, A.M. O processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 13, n. 1, p. 7-36, Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772008000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 de jun. 2019.

MASSETO, M. T. Inovação curricular no ensino superior. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.2. Agosto 2011, disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 20 de jun. 2019

MOREIRA, A. F. B. E CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, Maio - Agosto de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. *Currículo, cultura e sociedade*, 12ª edição: Ed. Cortez. São Paulo, SP. 2011.

MORGADO, J. C. Processo de Bolonha e ensino superior num mundo globalizado. *Educação & Sociedade*, vol. 30, núm. 106, enero-abril, 2009, pp. 37-62 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313703003>. Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVEIRA, L. T. C. de. *Política de educação superior: do Processo de Bolonha ao Projeto Alfa Tuning América Latina*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

ROBERTSON, S.L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? *Revista Brasileira de Educação*, v. 14 n. 42 set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

TELLO, C. Políticas educativas, educación superior y proceso de Bolonia en Latinoamérica. In: *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, p.80-97, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v1i1.25>. Acesso em: 20 jun. 2019.

TEODORO, A.; GUILHERME, M. A educação superior em tempos de mudança na América Latina e na Europa: anotações para uma agenda alternativa. *Laplage em Revista* (Sorocaba), vol.3, n.3, set.-dez. 2017, p.8-16. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/394/607>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Recebido em: 03.07.2019

Aprovado em 30.07.2019